

Operação Compliance Zero

Ex-banqueiro teve duas tentativas de colaboração recusadas. Já o executivo da Reag apresentou à PGR proposta para passar informações das fraudes na gestora de fundos

Geraldo Magela/Agência Senado



Mansur apresentou à PGR dados que podem esclarecer a participação da Reag no esquema de lavagem de dinheiro que envolvia PCC e Master

Vorcaro depõe enquanto negocia dizer o que sabe

» ALÍCIA BERNARDES

O ex-banqueiro Daniel Vorcaro presta depoimento, hoje, à Polícia Federal, por videoconferência, para falar sobre sua atuação junto a diretores do Banco Central na tentativa de impedir a liquidação do Banco Master, determinada pelo BC no fim do ano passado. Esta será a primeira oitiva oficial de Vorcaro pela PF desde que a defesa do banqueiro teve negados, por duas vezes, pedidos para a celebração de um acordo de delação premiada — uma nova tentativa de fechar um acordo de colaboração vem sendo costurado pelos seus novos advogados.

Vorcaro deverá responder a questionamentos dos investigadores sobre as medidas adotadas para tentar evitar a liquidação do Master e sobre eventual participação de integrantes da autoridade monetária nas tratativas. A apuração busca esclarecer as circunstâncias que antecederam a decisão de encerrar as atividades do banco. O depoimento poderá fornecer novos elementos aos investigadores.

Já o ex-presidente e fundador da Reag Investimentos, João Carlos Mansur, apresentou à Procuradoria-Geral da República (PGR) uma proposta de colaboração premiada com informações sobre uma suposta estrutura financeira articulada com Vorcaro. O mecanismo

teria sido utilizado para ocultar a situação financeira do Master e permitir o desvio de recursos.

Integrantes da Procuradoria-Geral da República (PGR) avaliam que os relatos apresentados por Mansur são mais consistentes do que os fornecidos por Vorcaro, em uma das tentativas anteriores de acordo de colaboração.

A avaliação da PGR é de que a delação do executivo da Reag teria maior possibilidade de avançar por apresentar elementos considerados mais robustos para auxiliar nas investigações. Além das suspeitas relacionadas ao Master, Mansur e a Reag também são investigados no âmbito da Operação Carbono

Oculto. A PF apura se a administradora de fundos teria sido utilizada em um esquema de lavagem de dinheiro, que teria movimentado até R\$ 1 bilhão de recursos relacionados ao Primeiro Comando da Capital (PCC).

A Reag foi liquidada extrajudicialmente pelo BC em janeiro. Caso a PGR aceite a proposta de colaboração, o acordo ainda precisará ser homologado pelo ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal (STF), relator das investigações relacionadas ao Master. As informações apresentadas por Mansur poderão ser confrontadas com documentos e outros elementos já reunidos pela PF e pelo Ministério Público Federal.

Carbono Oculto: MP-SP denuncia 16

Reprodução



Beto Louco é um dos integrantes do esquema de lavagem do PCC

Ferreira (o Cebola), ele é apontado como um dos controladores da empresa UPBus, usada para lavar dinheiro.

Adulteração

Segundo a promotoria, os acusados teriam angariado R\$ 2,9 bilhões com o esquema. Na denúncia de 189 páginas, os promotores destacam que a articulação criminosa envolvia a importação irregular e a adulteração de combustíveis.

Com base em documentos

apreendidos, informações públicas e dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a PF estimou que mais de 10 milhões de litros de metanol tenham sido desviados para uso irregular em postos de combustíveis. Segundo a denúncia, o esquema durou pelo menos de 2019 a 2025.

Desde as primeiras descobertas da PF sobre o esquema, as instituições de pagamento passaram a ser apontadas como um mecanismo fundamental para a lavagem de dinheiro, a ocultação patrimonial e

» Contra férias de 60 dias dos juízes

Na busca pela modernização do sistema de Justiça, o Grupo de Estudos do Supremo Tribunal Federal (STF) coletou sugestões de entidades da sociedade civil que propuseram uma série de alterações na rotina forense. Foram recebidas 95 contribuições, das quais 87 serão consideradas para debate. Algumas entidades abordaram questões sensíveis e tabus para os magistrados, como as férias — de 60 dias, conforme prevê a Lei Orgânica da Magistratura Nacional (Loman). O Instituto República, por exemplo, sugere vedação de férias superiores a 30 dias e a seccional do Paraná da Ordem dos Advogados do Brasil recomendou o mesmo, sem acúmulo com recesso e conversão em dinheiro se as férias não forem aproveitadas.

a simulação de negócios jurídicos ilícitos. Uma das principais fintechs era o BK Bank.

A quebra do sigilo fiscal da instituição permitiu rastrear o fluxo dos recursos e identificar a participação da Aster Petróleo, ligada a Beto Louco. A companhia teria movimentado ao menos R\$ 88 milhões. Ele teria obtido R\$ 261,3 milhões em benefícios financeiros.

Até o fechamento desta edição, nenhum dos denunciados tinha se manifestado por meio de advogados. O BK Bank também não se pronunciou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

maurenilson



A insensatez da chantagem nuclear entre Putin e Zelensky

A Guerra do Peloponeso começou em 431 a.C. como uma disputa pela hegemonia do mundo grego e terminou, 27 anos depois, com a derrota de Atenas, o esgotamento de Esparta e o enfraquecimento de praticamente todas as cidades-estados envolvidas. Segundo Tucídides, o crescimento do poder ateniense e o medo que isso despertou nos espartanos tornaram o confronto inevitável. A guerra resultou de decisões equivocadas, alianças automáticas e cálculos errados.

Os governantes foram incapazes de interromper a escalada. A desastrosa expedição ateniense à Sicília selou o destino da guerra. Apesar dos riscos, os dirigentes de Atenas enviaram uma grande força militar para conquistar Siracusa. Foi uma catástrofe: a frota foi destruída, milhares de soldados morreram ou foram escravizados e Atenas perdeu a capacidade de sustentar sua hegemonia. Entretanto, a vitória final de Esparta também foi efêmera. Décadas depois, a Grécia, fragmentada e exaurida, acabou submetida à Macedônia de Felipe II.

A guerra da Ucrânia repete essa lógica da autodestruição. A invasão ordenada por Vladimir Putin, em fevereiro de 2022, violou a soberania ucraniana e desencadeou o maior conflito europeu desde a Segunda Guerra Mundial. Desde então, cada lado procura melhorar sua posição antes de negociar, como se uma nova ofensiva, um ataque mais profundo ou uma arma mais poderosa pudesse, finalmente, desequilibrar o confronto.

O resultado é uma sucessão de avanços limitados, retaliações e impasses, além de centenas de milhares de mortos e feridos, cidades destruídas, milhões de refugiados e a militarização da Europa. A Rússia não conquistou a vitória rápida que imaginava. A Ucrânia não dispõe de meios convencionais para impor uma derrota completa à potência invasora. Os aliados ocidentais temem tanto o triunfo de Moscou quanto uma escalada que os envolva diretamente. A guerra se alimenta da expectativa de que o adversário cederá.

A recente e misteriosa viagem a Moscou do diretor da CIA, John Ratcliffe, é um sinal de que a escalada deixou de ser apenas retórica. Foi a primeira visita conhecida de um chefe da agência de espionagem norte-americana à Rússia, desde novembro de 2021, quando William Burns foi enviado para advertir Putin sobre os preparativos para a invasão. Desta vez, Ratcliffe se reuniu com dirigentes dos serviços russos, mas não com Putin. Donald Trump classificou a missão como “semirrotineira”, uma desculpa que só aumenta o mistério dos seus objetivos.

A operação teve cuidados reveladores. Washington informou previamente Kiev sobre a presença da delegação e pediu a suspensão temporária de ataques em áreas russas durante seu deslocamento. Um avião militar C-17 voou dos Estados Unidos para a Rússia, com escala na Letônia, enquanto imagens mostravam um comboio diplomático em Moscou. Não se sabe a pauta das conversas. Mas os interesses mútuos são conhecidos: troca de prisioneiros, guerra do Irã, ações de inteligência e mecanismos para evitar um choque militar direto.

Marcha crescente

No contexto da guerra ucraniana, porém, a pauta mais plausível é a escalada da guerra. Quando as chancelarias não conseguem produzir acordos, os canais entre serviços de inteligência assumem a função de transmitir advertências, esclarecer intenções e estabelecer linhas vermelhas. Foi assim durante os momentos mais perigosos da Guerra Fria. A presença de Ratcliffe em Moscou mostra que Washington e o Kremlin reconhecem a existência de riscos fora do alcance da diplomacia convencional.

A questão nuclear está em debate. Autoridades e políticos ucranianos voltaram a lembrar que seu país renunciou ao arsenal soviético instalado em seu território depois da dissolução da União Soviética. Em 1994, pelo Memorando de Budapeste, a Ucrânia, a Rússia, os Estados Unidos e o Reino Unido firmaram um compromisso político segundo o qual Moscou, Washington e Londres respeitariam a independência, a soberania e as fronteiras ucranianas. Kiev aderiu ao Tratado de Não Proliferação Nuclear e transferiu as ogivas para a Rússia. A invasão russa destruiu a credibilidade dessas garantias.

A Ucrânia abrigava, em 1991, cerca de 1.900 ogivas estratégicas soviéticas, além de milhares de armas táticas, mas não possuía controle operacional nem infraestrutura para mantê-las. Reconstruir seu programa nuclear militar, como admite o presidente Volodymyr Zelensky, exigiria tempo, instalações, tecnologia e testes, além de romper o regime internacional de não proliferação. Mas não é impossível com o conhecimento científico disponível e a ajuda europeia.

Moscou advertiu que não aceita uma Ucrânia nuclear e ameaça promover ataques preventivos, o que pode transformar o conflito regional numa crise mundial. Putin recorre repetidamente ao poder nuclear russo para intimidar a Ucrânia e limitar o apoio ocidental. Mudanças na doutrina militar, exercícios das forças estratégicas e ameaças mais ou menos explícitas nem sempre são apenas propaganda, mas dissuasão: ninguém sabe onde termina o blefe. Basta olhar para a guerra do Irã.

O perigo está no erro de interpretação. Foi assim que guerras anteriores escaparam ao controle de seus protagonistas. Em 1914, quase ninguém desejava uma conflagração europeia de quatro anos, mas ultimos, mobilizações e alianças militares transformaram o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando numa guerra mundial. Hoje, a chantagem nuclear é uma insensatez. Um acordo de paz tornou-se, portanto, mais necessário do que nunca, porém, não pode premiar a agressão russa nem impor a capitulação da Ucrânia.